

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 6 de Julho de 1856

N. 22

LITTERATURA.

Camões, Maria II e Pedro V

O Sr. José de Moraes Silva acaba de publicar uma *Allegoria* com o titulo acima, e que dedicou ao insigne poeta portuguez o Exm. Sr. A. F. de Castilho. O elevado do assumpto e a boa disposição do Sr. Moraes inspiraram-lhe alguns bellos versos.

A descripção do *Parnaso da Lysia* tem o merito poetico que se revela á primeira vista — sem muito estudo. Os versos em que falla a *Inveja*, a allusão da pomba que pousou sobre o feretro da senhora D. Maria II de saudosa memoria, são, em nosso entender, os melhores trechos da *Allegoria*. Ha n'elles muita naturalidade — muita inspiração. Não permitem os estreitos limites d'este jornal que façamos da obra do Sr. Moraes uma succinta resenha, comtudo é nossa convicção que com mais algum estudo e perseverança virá a conquistar o lugar a que tem direito o seu bom gosto e talento.

Recommendamos pois, aos nossos leitores, a *Allegoria* do Sr. Moraes, se recommendação se pôde chamar ás poucas linhas que nos cabe consagrar-lhe.

A Redacção.

Paginas intimas.

XX

IMPRESSÕES D'UM BAILE.

FRAGMENTO DO ALBUM D'UMA VELHA DE
67 ANNOS.

Fui hoje ao baile. A noite deixou em meu espirito uma impressão bastante desagradavel. Sinto ainda o ruido estranho que faziam duas duzias de *bonecos* saltando de um ao outro lado da salla, sinto o aroma extravagante d'uma infinidade d'extractos vindos não sei de onde, sinto o rumorejar de certos cumprimentos a *la gauche*; sinto enfim o que nunca senti em minha vida! Eu o disse d'antemão: não vou a isso que chamaes baile, porque tenho convicção de que voltarei de lá extremamente zangada. E não me enganai. Por desgraça minha a idéa que formava desses bailes não era exagerada. Vi tanta cousa digna de censura, que se minha mãe inda existisse, e me acompanhasse a elles, fugiria horrorisada!

Chamam-me *velha feiticeira*, porque sou sem piedade para aquillo que no meu tempo se reputava immoralidade. Chamam-me *reliquia do seculo passado* porque não posso ver impassivel que uma mulher ande trajada á maneira de *boneca*, e um homem á de *manequim*, o que significa quasi a mesma cousa. Serei tudo o que quizerem, mas no meu tempo as meunas de 16 annos brincavam com *bonitos*, e os rapazes da mesma idade fazião-lhe companhia. Hoje, as primeiras apresentam-se com ar de grandes senhoras, e os segundos com o de importantes. Felizmente que tenho o meu *album*. E' o *album* d'uma mulher de 67 annos que devia cuidar apenas do *rosario* e das *Horas Marianas*, porém eu quero imitar a moda. E' uma innovação do seculo estes *albums*. Ao presente qualquer criança não pôde prescindir

de um livrosinho elegantemente encadernado, a que se dá o nome de *album*, que duvido tenha significação propria na lingua que fallaram meus pais. Como não ha de ser assim !

Qualquer mancebo que aprendeu duas linhas de grammatica, julga-se com direito a fazer versos, e que seria dos *albums* sem elles ! (*) E' por esta razão que quero acompanhar alguma cousa da moda, para que se não diga que a aborreço no todo.

Afastei-me um pouco do meu proposito, é defeito das mulheres nas minhas circumstancias ; não importa, escrevo para mim unicamente, e a enfadada sou eu.

Nunca tinha frequentado essas reuniões elegantes que formam uma das qualidades da sociedade actual. A' excepção d'algumas pessoas que, como eu, aborrecem estes costumes, não recebo ninguem ; e é talvez devido a este isolamento que fiquei extactica ante as *maravilhas* d'um baile faustoso ! Resolvida a analysal-o, retirei-me a uma das extremidades do salão, donde podia á vontade prehencher os meus desejos.

A primeira cousa que me sorprehendeu foi a conversação havida entre uma *menina* de 20 annos, e um *rapaz* de 23 (perguntei a idade por uma razão que direi logo). Fallavam de tal modo um com o outro, que appliquei o ouvido, e eis o que desafiou a minha curiosidade :

— Oh ! a senhora ignora o quanto pôde o amor que lhe voto desde muito tempo, dizia elle com ardor.

— E' mister que m'o prove, respondia ella n'um tom extremamente pretencioso.

— Mais do que o tenho feito, é impossivel !

— E' o que ouço a todos os homens ; protestos bem depressa esquecidos, juramentos em poucos minutos quebrados ! (Será moda esta linguagem affectada ?)

— Oh ! a senhora é uma *mulher de marmore* ! (Soube depois que era o titulo de um drama muito em voga.)

— Tanto o não sou que tenho tido a complacencia de o escutar por demais. Começa a *walsa* ; adeus, Sr.

E a tal menina levantou-se, e foi fazer parte dos *bonecos* que principiavam a saltar.

O *bobo* do rapaz não pôde responder ; apenas

(*) A velha toca-me por casa.

Eu, sim senhor.

disse por entre dentes, e com uma entoação de voz de tyranno de comedia : — Presumida !

Não era asneira ; *Mollière* encarregára-se de o dizer dous seculos antes.

Se o resto fôr em relação, disse eu commigo, muito terei que analysar.

Não havia no salão uma mulher que estivesse assentada, todas *walsavam* ; apenas eu, a um cantinho, como que ignorada, via e admirava.

— Minha senhora, disse o dono da casa offerecendo-me o braço.

Advinhei o que pretendia, e não me movi. Olhou-me sorpreso.

— Não dança ?

— Não, senhor, respondi pegando na boceta para encobrir o máo humor que me causára a conversação de que fallei, e o estranho da pergunta.

— Melhor te fôra procurar tuas filhas, do que esqueceres que tens a minha idade, disse eu ao vél-o retirar-se confuso. Suas filhas, essas procuravam ser as rainhas da festa, talvez que pelos conselhos da mamãe. Eu tomava pitadas sobre pitadas ; parecia-me que estava sobre espinhos. O calor suffocava-me, o aroma dos extractos subia-me ao cerebro originando-me vertigens ; daria de bom grado toda a minha fortuna para regressar á casa. Infelizmente estava destinado que eu testemunhasse até ao fim scenas cuja recordação não posso expellir do espirito. Para que deixei a simplicidade da minha habitação, e o socego de que gozo nella !....

Não pude copiar o resto ; um contratempo me forçou a largar o precioso *album* da velha, mas tenciono dar-vos conta do resto das suas impressões.

Não vos explico como pude alcançar uma tal fortuna, porque não é da vossa competencia sabel-o. Ficai certos porém, amigos leitores, que não tenho parte alguma nessas impressões.

Rio, Julho 3 de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

CORAGEM.

Mathilde, como os leitores não ignoram, habitava a casa de Carlos. Os poucos dias da sua estada nella tinham se deslizado tranquilos para a infeliz que o destino senão cansára em a perseguir. O mancebo despendia com a joven essas doces e tocantes atencões que revelam o amor fraternal em toda a sua plenitude.

O brasileiro achava em Mathilde o complexo d'um sonho que tivera outr'ora, e ansiava-a como um pai póde amar sua filha.

Domingos, com a sua simplicidade africana, tinha por ella uma especie de culto, que augmentava á maneira que os dias iam decorrendo.

Mathilde retribuia com usura as afeições que conquistára. Era feliz, podia agradecer ao Omnipotente o bem-estar de que gosava, mas uma idéa pungente a perseguia de continuo. Ella esquecia o que tinha soffrido em companhia da Franceza, esquecia as perseguições de Lourenço, lembrava-se unicamente de que estava então isempta d'um sentimento que deveria ser a sua coroa de martyrio. A joven amava; amava com todas as forças de uma alma pura, e um presentimento lhe dizia que esse amor morreria com ella — casto como se originára. Nem uma esperança se quer surgia no horisonte da sua imaginação. Via no futuro — Carlos e Luiza, isto é, dois amantes como a joven sabia sel-o. Dotado d'essa perspicacia que a mulher possui em summo gráo, ella adivinhára que Carlos jámais a poderia amar como amante. Comprehendia que á excepção de uma amizade fraternal, nada mais d'elle podia exigir. Mathilde ignorava esses manejos empregados pelas mulheres nas suas circumstancias, ignorava que existisse uma palavra que resume o odio a intriga e a vingança; ignorava enfim que quando duas jovens amam um homem, uma dellas é a rival preferida. Teria Carlos adivinhado esse amor? Era o que ella perguntava a si mesmo. Uuma voz occulta, porém, lhe dizia que não. Quantas vezes esteve resolvida a confessal-o? Tantas quantas eram as que fallava com elle. Resignada como as antigas virgens que iam ao martyrio, fingia acolher tudo com essa satisfação intima que produz a alegria, e nem uma só vez se queixou.

Domingos, comtudo, traduzira certos olhares lançados por ella a Carlos, entendera donde provinha o rubor que lhe subia ás faces quando fallava com elle, e esperava. A occasião opportuna de a interrogar chegou.

Carlos tinha sahido (era na mesma noute do raptó de Luiza) o brasileiro estava na margem opposta.

Mathilde e Domingos achavam-se a sós. Aquella, assentada, pensava, este encostado á porta da salla, perscrutava.

— Menina! exclamou elle.

— Ah! respondeu a joven como se acordasse d'um sonho.

— Porque a vejo sempre triste?

— Triste, eu? redarguiu ella forçando por sorrir-se, estás enganado Domingos; ha muito tempo que não tenho dias tão risonhos e socegados.

— Olhe, menina, eu sou um preto da *Costa* que nada sabe — sou um bruto como todos me appellidam, mas haverão poucos brancos capazes de comprehender como eu quando rebentará a tempestade. E' uma das qualidades que tem os filhos das florestas d'Africa. Estudamos desde crianças a natureza, e sabemos dos phenomenos que se identificam com ella. A'quelles que podem melhor explical-os, chamam *feiticeiros*, mas enganam-se; nós temos menos civilisação, menos luzes, mas mais inspirações — mais character primitivo.

— O que comprehendes, pois, disso a que chamas minha tristeza?

— Comprehendo que a menina gosta de meu senhor moço.

— E' muitó natural esse sentimento; devo-lhe a felicidade de que góso ao presente.

— Não é nesse sentido que quero fallar; a menina entende-me, mas não quer confessal-o.

— Explica-me melhor o teu pensamento, e responder-te-hei franca e sinceramente.

— Pois bem, a menina ama o Sr. Carlos, como elle ama a menina Luiza!

— Enganas-te, Domingos; é bastante saber que Luiza lhe retribue esse amor, para não ousar atravessár-me em seu caminho.

— Perdão, menina; eu não devia interrogal-a por este modo, porque sei o que sou, e cálculo a distancia que nos separa, mas tenho-lhe demasiada amizade para conseguir que feneça á falta de cuidados e disvelos. Era inutil provar a minha idéa com este papel, mas já que insiste, veja se o reconhece.

E Domingos tirava do bolso da jaqueta um papel cuidadosamente embrulhado.

— Como podeste encontrar esta carta? diz-me, onde a achaste? perguntou Mathildé com exaltação.

— No jardim, perto do repucho.

— Ah! exclamou ella deixando pender a cabeça.

— Socegue, menina, o Sr. Carlos ignora tudo, e não obstante ter por elle uma amisade como nós os pretos sabemos ter, não lhe direi cousa alguma.

— Pois sim, amo o Sr. Carlos, amo-o talvez mais que Luiza!....

— Pobre menina! disse Domingos enchugando uma lagrima furtiva que se lhe deslisava pelo semblante luzidio.

(Continúa.)

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO VII

Frederico apenas chegou com o marinheiro á beira do mar, embarcou-se em um bote que ahi estava preso á raiz de um tronco annoso. O robusto marinheiro remou com toda a força para bordo do navio *Fernando* 1.º e mal que abordaram, Frederico subio para cim com muito desembaraço; e o capitão que já o esperava no cimmo da escada, depois de o saudar respeitosa-mente, ao que Frederico correspondeu, travou-lhe do braso, e encaminhou-o para a camara aonde estava Luiza e Margarida. Frederico mal deu com os olhos em Luiza, ficou como ferido de um raio, não podia proferir nem uma só palavra!... E ella que igualmente tinha sentido o mesmo abalo se levantou, e veio lentamente calir de joelhos, a seus pés!...

Alguns momentos decorreram em quanto se contemplavam um ao outro n'uma scena muda! Mas a agitação de sua alma, o que elles diziam nesses seus olhares ninguem podia adivinhar. Era um encontro inesperado para Frederico, e que não podendo dar largas á sua agitação, rompeu o silencio deste modo:

— Que destino fatal a trouxe aqui, malfadada Luiza?....

— Oh! que destino me poderia trazer, Fre-

derico, se não a justiça de Deos, que não permittio que me finasse de remorsos sem primeiro te vir pedir perdão?!.... Sim, Frederico, eu te venho supplicar pelo amor de tua mãe, e por tudo que tens de mais caro sobre a terra, que me perdões; para que Deos me possá tambem perdoar.... ah! sede generoso e bom como sempre foste! O resto destes meus dias quero consagral-os em te servir como uma escrava.... As lagrimas já lhe inundavam de tal modo os olhos, que a privavam de os levantar até Frederico! E com a fronte inclinada aguardava a sua sentença, quando, Frederico abraçando-a e misturando com as della as suas lagrimas, lhe disse que o passado seria esquecido, e o presente a consolação do futuro! Pedio-lhe então algumas explicações da maneira porque se achava ali sem mais companhia do que Margarida.

Luiza explicou-se da melhor fórma que pôde, e Frederico ainda que ella lhe havia sido ingrata, não podia deixar de lhe perdoar á vista do seu arrependimento, e sobretudo por que tinha um coração verdadeiramente generoso.

Como as despezas da viagem já estivessem pagas por Luiza, agradeceu muito ao capitão os disvellos que havia tomado por ella durante a viagem. Entrou depois com Luiza e Margarida no bote, e o marinheiro remou para terra.

Luiza encostou a cabeça ao hombro de Frederico, e as lagrimas continuavam a lhe inundar as faces, pois ella julgava não poder mais alcançar um perdão completo de Frederico, ou antes se não julgava mais digna delle; e Frederico já esquecido dos amargos trances por que ella o havia feito passar, olhava-a com muita ternura, recordando nella essas suas primeiras caricias de amante, e os sonhos dourados do seu primeiro amor!... Ella, ao contrario, com o remorso estampado na fronte, era agora que as suas idéas mais a perturbavam; pois imaginava não poder pertencer áquelle homem que lhe havia dedicado todo o seu amor, e que ella irreflectidamente tinha trahido!... Só essa idéa era bastante, para a fazer descer á sepultura; já não tinha ella mais coragem, mas sobrevinha-lhe a fraqueza e era a fraqueza da morte!

Mal que o botesinho abicou em terra, Frederico tomou Luiza nos braços, e pol-a em terra, depois ajudou a passar tambem Margarida e despedio o marinheiro depois de o ter recompensado generosamente.

Luiza de tão fraca que se achava, já não podia

caminhar, foi preciso que Frederico a levasse apoiada ao seu braço, e assim foi caminhando vagarosamente, até que chegaram depois de algum tempo de ruim caminho, e fadiga de Luiza, a esse pobre albergue, aonde portanto tempo habitava o amante desprezado, e victima de uma atroz vingança.

Apenas entraram, Frederico assentou Luiza em uma velha cadeira, e assentou-se a par della em outra; Luiza tinha os olhos amortecidos, e o seu estado era melindroso.

Frederico entregue agora ao ente que mais amou sobre a terra, esforçava-se quanto podia para lhe mostrar que o futuro iuda os poderia cobrir de muita felicidade.

(Continua)

M. L. MACHADO.

Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

A VINGANÇA.

IV

Voltemos aos contrabandistas.

Depois de chegarem com a moça á *casa solitaria*, desamarraram-lhe o lenço.

Os contrabandistas estavam todos contentes por terem sahido bem da empresa.

Julião fez-lhes um aceno, e elles desceram.

Maria ainda estava aterrada e sem poder fallar, o coração lhe batia com força, e todo o corpo lhe tremia; voltou a cabeça e vio o ultimo contrabandista fechar a porta do subterraneo. Um suor frio lhe corria da testa, e ficou immovel ao ver-se só em frente d'aquelle homem cujo rosto ameaçador lhe causava horror.

Julião poz o chapéo sobre a banca, assentou-se, e cruzando os braços poz-se a olha-la com attenção.

A moça era dotada d'um genio forte; apesar de cançada de gritar e pelos esforços que fizera, via-se em seu rosto claro um grande desespero, e os olhos brilhavam-lhe como os de um animal feroz.

Julião fez-lhe signal que se assentasse, e ella contrahindo as feições respondeu-lhe com voz ameaçadora:

— Assentar-me; em cima de teu coração!... malvado assassino!...

— Não te enraiveças tão cedo, ouve-me, eu te conto qual o motivo porque á força te tirei de casa de teu pai; tu já o sabes, mas quero repetir-t'o; e se ainda tiveres orgulho, veremos.... retorquio Julião. Maria, lembras-te do nosso passado?... Dirás que nunca me conheceste. Lembras-te dos juramentos que fizeste e tantas vezes repetidos? Dirás que nunca me fallaste. Mas tudo isso se dá em teu coração ingrato; e nessa alma hoje corrompida!.... Mas eu aqui estou diante de ti; reconheço que foste muito fragil, e que o amor que outr'ora me tinhas, não era verdadeiro; pelo contrario, com essa separação que durou quasi tres annos, o amor verdadeiro que nutria, creou raizes taes em meu coração, que nunca mais as poderei arrancar!.... Sim, Maria!.... o amor que te tinha, vale hoje cem vezes mais!.... Eu fui fiel ao que jurei, eu te tinha dito: Maria, em quanto Julião fôr vivo, seu coração não adorarà a outra mulher, senão a ti!.... e tu o que me respondeste?... Ah! não fallas?... pois eu trago gravado na mente essas palavras, eil-as: Sim, meu amor, Julião, meu pai não quer que te ame, porque tu és pobre!.... mas tu conquistaste meu coração; acredita que Maria te pertence em corpo e alma; tu vais para longe; eu espero por tua volta; adquiere fortuna, para poderes possuir minha mão, com licença de meu pai, e eu nunca me hei de esquecer de ti; vai, e sê-me fiel. Então são estas, ou não as palavras que disseste-me?

Maria conservava-se cabisbaixa e pensativa.

— Pois bem, a todas estas palavras garantidas por um juramento, tu faltaste e ficaram tão esquecidas para ti, como das primeiras palavras que aprendeste; mas ouve-me ainda. Eu triste por separar-me de ti, vaguei, sem saber para onde me deveria dirigir, para poder ir assim tão breve adquirir fortuna que podesse chegar para vivermos ricos; muitas vezes reflecti, e quiz voltar; parecia-me uma baixeza semelhante condição!... era o mesmo que pôr á venda teu corpo!.... Mas guiado pelo destino fui aventurar-me a tudo que podesse acontecer. Não havia meio mais prompto e seguro para um bom lucro do que o que por acaso se me offereceu; mas oh!.... era tão revoltante!.... enfim não houve remedio, acceitei-o, e fui ser contrabandista de escravos, em quasi todo o litoral da Africa occidental, principalmente em Congo, Benguella, e Angola, onde fui soffrer os trabalhos mais arriscados e penosos que se podem imaginar. Muitas cicatrizes ainda me restam para prova dos soffrimentos!.... sem-

pre arriscado a perder a vida, para ganhar um punhado de ouro, em um contrabando de carne humana !... vil condição, a que póde chegar a desgraça ou o capricho do homem !... Oh ! Maria, eu o confesso, repugnava-me inteiramente, por que tenho coração. Depois de penosos soffrimentos, no fim de dous annos, eu já contava com bastante fortuna para podermos comprar uma boa habitação e vivermos felizes depois de casados. Resolvi por tanto a largar meus companheiros, e a voltar a Santo Antão; dirigi meus passos para a casa de mestre Paulo, onde se juntam muitas pessoas, e onde podia saber o que era feito de Maria.

Continúa.

A Providencia.

(Continuação do n. 19.)

Resta-nos ainda responder a um argumento, que os descrentes e os scepticos costumam produzir contra a Providencia. Dizem elles, se a acção providencial em que acreditais é effectiva e real, deve protrahir-se a todas as zonas e estender-se a todas as creaturas, disseminando com igualdade os thesouros de suas graças, porém permittir-meheis que aberre dessa vossa superstição, visto que existem povos totalmente engeitados, disso que denominaes acção universal e benefica, ou Providencia. Assim, os Lapões não mereceram a munificencia de seus dons. Seu paiz é uma cordilheira de montanhas, eternamente coroadas de neve: seus dias são como o nosso crepusculo: durante seis mezes vivem em uma noite continua, que tornam ainda mais insupportavel e horrivel, uma orchestra infernal produzida pelo zumbido dos mosquitos venenosos, pelo sibilar tumultuoso dos ventos, e pelo uivar terrivel d'esfaimados lobos. Na Groelandia, região esteril e ingrata, é quasi nulla a vegetação. Na Islandia não ha agricultura, por causa do frio rigoroso que ahí reina constantemente. Os Dalecarlianos, habitantes do Septentrião da Suecia, não conhecem o que sejam cereaes; nas mesmas circumstancias vivem os filhos da arida Kamtschatka e os da Siberia, todos elles debaixo d'um clima rigoroso e inhospito, e sem as commodidades mais triviaes dos povos civilisados, a quem a natureza, mãe egoista, dotou mais amplamente, &c....

Competo-nos agora, visto que nos propozemos á defeza da verdade eterna e consoladora da Provi-

dencia, analysar e decompor os differentes factos adduzidos pela contrariedade, encaral-os por todas as faces afim de ver se elles attaccam ou justificam a *Providencia*. E com effeito, depois de analysados e decompostos estes argumentos, que parecem concludentes, e que não peccam nas premissas nem nas conclusões, sómente porque consideram os factos pelo lado peor, em vez de os encarar em complexo, nós deduzimos a justificação da *Providencia*, tanto mais, quanto convertidos esses factos, se póde com elles firmar a verdade que demonstramos. Se aos Lapões fallecem muitas das commodidades da vida, nem por isso vivem tristes e inquietos, pois que, não havendo fruido jámais taes commodos, não lhes sentem a falta; suas necessidades circunscrevem-se nos limites daquelle circulo, a que podem facilmente satisfazer. Se no decurso de muitos mezes vivem privados da luz do sol, em uma noite permanente, a lua e as auroras boreaes tornam essas noites supportaveis, com uma especie de crepusculo. A educação e o habito ensinam-os a premunir-se contra os rigores e inclemencias do seu clima. A natureza ministra-lhes animaes, cujas pellos os preservam da intemperie das estações, a renna, com especialidade lhes é de summa utilidade, e é como que a encarnação da *Providencia*, pois lhes fornece a tenda, o vestuário e a cama, e ao mesmo tempo o alimento e a montaria. Os mosquitos venenosos, que incessantemente os perseguem, e encommodam, evitam-os untando o rosto com alcatrão, é entretendo a fumaça em seus tugurios; além de que auferem delles muita utilidade, porque estes insectos depositando seus ovos nas aguas, attrahem por meio delles myriades de aves aquaticas, que os Lapões caçam fazendo dellas seu principal alimento. Os Groelandezes tem uma compensação da infecundidade de seu solo, e da falta de seus cereaes, n'um peixe providencial, que elles designam pelo nome *d'angmarsset*, (especie de caboz) e que seccam e preparam de modo tal, que lhes serve não só de pão, como que tambem de legume.

Os Islandezes á falta d'agricultura donde tirem sua subsistencia e de mattas que lhes forneçam a lenha, possuem no mar o refugio de suas necessidades e o dispensador de seu alimento, a sua *Providencia*, emfim, os faz fruir em suas praias uma quantidade prodigiosa de peixe de que extrahem as mesmas vantagens que os habitantes da Groelandia, e as marés enyiam-lhe igualmente innumerados madeiros para se aquecerem e cosinha-

rem suas substancias alimenticias. Os Dalecarlianos a quem fallecem quasi que as mesmas commodidades, são, como os povos supraditos, ictiophagos, e fazem o pão que os cercoaes lhe recusam, da casca do pinheiro e do vidueiro, e de certa raiz, que cresce espontaneamente em suas lagôas. Os naturaes da peninsula esteril de Kamtschatka, na Asia, tiram os principaes recursos de sua subsistencia, do talo do acantho. Os Siberianos esses filhos das regiões hyperboreas, usam para identicos fins, dos bulbos d'uma especie de lirio, chamado martagão. — Assim pois, por mais desigual que seja a temperatura das differentes zonas da terra, por mais desfavorecidos que pareçam seus habitantes, a Providencia, qual mãe sollicita e vigilante, prodigalisa seus disvelos, por todos os seus filhos innumerados.

Por suas sabias combinações, *providencia* ad bem estar de todos, permittindo que cada região produza aquelles objectos, que estão em relação com a natureza do clima, e de que seus habitantes menos podem prescindir.

Continúa.

POESIAS.

Hymno ao Porto.

Salve ! nobre e antiga cidade,
Salve ! povo tão bravo e leal ;
Invencivel á voz—liberdade
Morrerás pelo teu Portugal !

E debalde se forjam cadêas
Que tyrannes te lançam á traição....
Inda assim, se um brado altêas
Fugirão do rugir do leão.

Quaes rochedos que estão a guardar-te
O teu povo constante assim é ;
Em seu peito, duro baluarte,
Se asyla a melhor boa fé.

Em ti vivem ainda as virtudes,
E as crenças dos fortes avós ;
Com chimeras jámais te illudes,
D'utopias não corres apoz.

Continua, povo valeroso,
No teu nobre e leal proceder,
No trabalho sempre cuidadoso,
Pela gloria tão prompto a morrer !

Salve ! nobre e antiga cidade,
D'onde o nome tomou Portugal ;
E tu pois que lhe dás liberdade
Salve ! povo tão bravo e leal !

Rio, Novembro de 1855.

J. C. L.

A orphã.

Entrava a noute serena
Succedia-lhe o luar ;
Quando a orphãzinha tão bella
Veio á proxima janella
Do aposendo se assentar.

Era tudo no silencio
E ella sosinha gemia,
Pôz-se a lua contemplando
E no brilho se firmando
Desta maneira dizia :

« Orphã !... todos me repetem !...
Desventurada de mim !...
N'este mundo tão vaidoso
De meu fado rigoroso....
Eu que culpa tenho emfim ? !

Minhas lagrimas ardentes
Vinde as faces m'innundar,
Só em vós acho conforto,
Sois o meu seguro porto
Onde posso abrigo achar.

Alem de meu soffrimento
Me procuram repellir,
Vejo sempre desventura,
Sempre, sempre essa amargura
Para soffrer e carpir.

Oh ! se fosse tão ditosa
De minha mãe abraçar !
Mesmo lá na sepultura
Se tivera essa ventura
Mil beijos lhe fora dar !

Eu quizera agradecida
Mostrar minha gratidão ;
E que a filha desherdada
Pela mãe abandonada
Se lhe murcha o coração.

Oh ! meu Deos, tende piedade
D'este pungente soffrer,
Quizera mudando a sorte
Com a minha breve morte
Tambem o mundo perder. »

Aqui calou-se a donzella
Occultando seu gemer,
Vae a lua reflectindo
Todo o seu brilho espargindo
Té mui longe se perder.

E ao romper da linda aurora
Pela manhã d'outro dia,
Todos a orphã procuravam
E com ardor a chamavam
Mas ella não respondia.

E por fim déram com ella
Já sem vida, já sem luz,
Apoiada ao pobre leito
Que mostrava pelo geito
Adorar a Deos na Cruz.

Chamáram-n'a por seu nome,
Debalde foi seu chamar ;
Que seu corpo innanimado
Todo frio e regelado
Se não pôdia levantar !

Deos ouviu a sua prece,
Teve d'ella compaixão ;
Quiz tirar-lhe o soffrimento,
Esse pesado tormento
De seu triste coração.

Foste justo, oh ! Deos piedoso,
Em ouvir os rogos seus ;
Tambem faço minha prece,
Da-me o perdão que carece
Os muitos peccados meus.

Março de 1856.

M. LEITE MACHADO.

VARIÉDADES.

Glorias d'além tumulo.

Quantas vezes não penso em immortalisar-me ! Oh ! eu o fizera se chegasse a ser rei, o que é bem facil ; pois querer é poder. Demais podia ser rei de uma ilha... deserta. O diabo é que em meus estados não teria um chronista para celebrar meus feitos. E' verdade que podia ser chronista de mim mesmo, mas então não me sobria tempo para policiaer o meu povo. Orador religioso ou politico ? Não era má cousa, mas nestes tempos, em que o tempo não chega para escrever, que importa ler e ouvir pregar ? Poeta ? Eis ahi um titulo brilhante. Só quizera saber como so-

bresahiriam minhas poesias entre as de oitocentos milhões de poetas machos e femeas (fallo só dos vivos) que tantos são os habitantes deste mundo, no dizer delles, tão rotundo, tão fecundo, tão jocundo. — Boa lembrança. — Se os poetas continuam neste andar brevemente se poderá fazer um caes em torno desta cidade com o atterro de suas producções.

Suicidar-me, por ser tolo ? Isso é antiquissimo, já no tempo de Catão se usava. Por ser infeliz ? Não é menos velho. Por ser feliz ? Já não é novidade e até é muito á ingleza. Só se me matasse, por ter juizo, mas cómo proval-o ? Queimar um monumento celebre ? O monumento mais monumental que eu conheço é o Pão d'Assucar. Esse é incombustivel.

Pensam que eu não achei a maneira d'immortalisar-me ? Achei e não trabalhei como Claudio Frolo. Achei, oh se achei, e mais não pulo do banho, nú em pello, como Archimedes, gritando Eureka ! Eureka ! Immortalisar-me-hei, mettendo-me nas encolhas durante a vida, e pedindo que depois de morto gravem na minha campa o seguinte

Epitaphio.

Aqui jaz, e não se move,
O homem mais singular
Do seculo seu ; (desanove)
Qu'elle fosse titular
Não ha ninguém que o prove !

O bom doutor Pósdemicos
(Era assim que se chamava)
Nunca bajulou os ricos ;
Nos clubs não entrava,
Nem jogou pau de dois bicos.

Nas longas horas do ocio
Não dançou uma só vez ;
D'empresa alguma foi socio ;
Não soube fallar francez,
Nem com accções fez negocio.

Ainda o bicho fez mais ;
E' fama (valha a verdade)
Não escreveu em jornaes,
Nem mesmo na Saudade
Gemeu, chorou e deu ais !!!

Pelo DR. PÓSDEMICOS

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA
Rua da Valla n. 111.